

Robin Anderson (1951-2002)

Clarice Peixoto
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

A morte de Robin Anderson, em março, aos 51 anos, depois de lutar nove meses contra um câncer, é uma perda incomensurável para a antropologia visual e para o cinema documentário contemporâneo. Com o seu desaparecimento, termina parceria Anderson & Connolly, uma das mais ricas e marcantes da história do cinema documentário, não tanto pela quantidade de filmes realizados, mas pelos novos rumos que o seu cinema apontou para o documentário e, para nós que atuamos no campo da antropologia visual, para a pesquisa audiovisual.

Australiana, formada em Economia e Sociologia, Robin Anderson abandonou suas pesquisas sociais, em 1979, para trabalhar com o marido, Bob Connolly, na realização de filmes documentários: ela captava o som e Connolly registrava as imagens. Esta parceria conjugal bem sucedida, parece ser a tônica de alguns casais-documentaristas que atuavam/ atuam em terras australianas: os Asch (Timothy & Patsy), os MacDougall (David & Judith), entre outros.

O primeiro filme que realizaram juntos – *First Contact* (1983) – é um dos exemplos mais ricos de confrontação histórica entre imagens de ontem e imagens de hoje. Isto porque eles descobriram fotografias e rolos de filme Super 8 elaboradas pelos irmãos Leahy, exploradores de ouro australianos. Eram documentos dos anos 1930, sobre os aborígenes Papua do centro da Nova Guiné: as primeiras imagens do primeiro contato entre ocidentais e aborígenes. O filme trata das reações dos Papua diante das suas imagens registradas 50 anos antes. *First Contact* mereceu uma nomeação para o Oscar e diversas outras distinções.

Durante a realização de *First Contact*, eles conheceram Joe Leahy - filho (não reconhecido) de Michael Leahy e de uma mulher Papua. Decidiram, então, continuar observando/filmando os Papua, particularmente Joe Leahy, uma vez que ele já havia deixado para traz a

cultura de subsistência. Tornara-se um próspero plantador de café às custas da exploração de seus vizinhos Ganega, ainda dependentes de uma economia tradicional e grupo do qual sua mãe era originária. Este segundo filme - *Joe Leahy's Neighbours* (1988) - foi considerado por D. MacDougall como um dos melhores exemplos do *observational cinema*: filmes que exigem um tempo longo para serem realizados porque têm como princípio um contato profundo com o grupo filmado e cujo desenrolar da ação e seu final é desconhecido do realizador.

No cotidiano do trabalho, Robin A. guardava os ensinamentos sociológicos: era metódica e analítica, com importante papel no trabalho de campo. Já Bob C. é mais impulsivo, eficaz na edição. Conta-se que durante a realização de *Joe Leahy's Neighbours*, Bob quis interromper as filmagens para seguir, e filmar, uma multidão de guerreiros que atravessava a propriedade de café de Leahy, para atacar o vilarejo vizinho. Foi Robin A que o convenceu a manter o foco no roteiro traçado, já que o exotismo e o sensacionalismo não eram marcas de suas obras.

O terceiro filme desta consagrada trilogia é *Black Harvest* (1992). Filmagem direta, sem narração, através do registro das relações e reações, das interlocuções, o casal-cineasta se torna um observador profundo do cotidiano dos Papua, mas principalmente de seus conflitos. O filme trata do desenlace dramático da associação entre Joe Leahy com seus vizinhos e, diante da falência, Joe parte para a Austrália.

Estes três filmes foram consagrados com o prêmio de melhor documentário do *Cinéma du Réel*, nos anos 1983, 1989 e 1992, respectivamente e vários outros mundo afora.

Dois outros filmes realizados pelo casal-cineasta também têm a Austrália como cenário, mas agora tem a cidade como palco: *Rats in the Ranks* (1996) trata da eleição municipal de Leichhardt, município de Sydney. Connolly e Anderson acompanharam o processo eleitoral registrando as negociações, as intrigas e manipulações dos candidatos, sendo uma aula de antropologia política.

O último filme de Robin Anderson, *Facing the music* (2001), apresenta o Departamento de música da Universidade de Sydney que atravessa uma crise financeira profunda. Sua diretora se bate pela sua manutenção mas, também, pela preservação de uma tradição de formação de jovens talentos.

Não foram muitos os filmes que Robin Anderson realizou com o marido Bob Connolly mas, sem dúvida, foram obras remarcáveis que entraram para a história do cinema documentário.